



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG INSTITUTO DE CIÊNCIAS
ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS - ICEAC
CURSO DE COMÉRCIO EXTERIOR**

ALEXANDRE GONÇALVES E SILVA SOUZA

A COMPETITIVIDADE DO CACAU NO BRASIL

Santa Vitória do Palmar

2025

Alexandre Gonçalves e Silva Souza

A COMPETITIVIDADE DO CACAU NO BRASIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel, pelo Curso de Comércio Exterior da Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

Orientadora: Prof. Dra. Livia Madeira Triaca

Santa Vitória do Palmar

2025

Alexandre Gonçalves e Silva Souza

A COMPETITIVIDADE DO CACAU NO BRASIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel, pelo Curso de Comércio Exterior da Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Livia Madeira Triaca - Orientadora

Profº. Dr...

Profº. Dr...

**“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”
(Paulo Freire)**

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e irmãos pelo apoio e aos meus colegas e amigos que estiveram comigo durante minha trajetória acadêmica, Rodrigo Ancelmé, Gabrielly Zuquim e Adrieli Luz. Além disso, vocês foram incríveis na minha rotina. Sabemos que cada um batalhará para alcançar seus objetivos, mas saibam que podem contar comigo.

À minha orientadora, Professora Doutora Livia Madeira Triaca, pela paciência e didática, demonstrando total interesse em auxiliar, para que este trabalho fosse concluído da melhor forma possível.

À todos os professores e colaboradores do Campus de Santa Vitória do Palmar, que de alguma forma contribuíram para realização deste trabalho.

RESUMO

O estudo da competitividade do cacau no Brasil entre 2005 e 2022 é crucial para entender seu papel na economia global. O Brasil, embora seja o sétimo maior produtor de cacau, possui uma história rica nessa indústria, principalmente na região da Bahia, que já foi um dos principais polos de produção mundial. Neste contexto, esta pesquisa tem como objetivo analisar a competitividade dos principais Estados brasileiros produtores de cacau e comparar a competitividade do Brasil com os principais produtores nacionais. No entanto, o mesmo foi realizado para os principais países exportadores da amêndoa. Para tanto, utilizou-se o Índice das Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR), calculando para o período de 2005 a 2022. Embora o Brasil seja reconhecido como um dos principais produtores de cacau, ao analisarmos o índice de vantagem competitiva revelado para as posições específicas nesta pesquisa em relação ao comércio internacional, observou-se que não houve vantagem competitiva em todos os períodos. Esses dados sugerem que, apesar de ser um grande produtor de cacau, o Brasil não se destaca de maneira notável ou competitiva no cenário global de comércio. Com esta análise, o objetivo primordial foi gerar fundamentos que possam embasar a formulação de políticas estratégicas para melhorar tanto a produção quanto a posição competitiva internacional.

Palavras-chave: Cacau; Índice de Vantagem Comparativa Revelada; Brasil; Exportação; Produtividade.

ABSTRACT

The study of the competitiveness of cocoa in Brazil between 2005 and 2022 is crucial to understanding its role in the global economy. Brazil, although it is the seventh largest producer of cocoa, has a rich history in this industry, mainly in the Bahia region, which was once one of the main centers of global production. In this context, this research aims to analyze the competitiveness of the main Brazilian cocoa-producing states and compare Brazil's competitiveness with the main national producers. However, the same was carried out for the main almond exporting countries. To this end, the Revealed Comparative Advantage Index (IVCR) was used, calculating for the period from 2005 to 2022. Although Brazil is recognized as one of the main cocoa producers, when analyzing the competitive advantage index revealed for the specific positions in this research in relation to international trade, it was observed that there was no competitive advantage in all periods. These data suggest that, despite being a large cocoa producer, Brazil does not stand out in a notable or competitive way in the global trade scenario. With this analysis, the primary objective was to generate foundations that could support the formulation of strategic policies to improve both production and the international competitive position.

Keywords: Cocoa; Revealed Comparative Advantage Index; Brazil; Export; Productivity.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultados obtidos por meio do IVCR dos cinco maiores Estados exportadores de cacau entre os anos de 2005 e 2022.

Tabela 2 - Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) do cacau em relação ao mundo, entre o período de 2005 e 2022.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Produção *versus* Exportação de Cacau no Brasil.

Gráfico 2 – Relação das Exportações de cacau dos cinco principais exportadores entre os anos de 2005 e 2022.

Gráfico 3 – Cinco principais Estados exportadores de cacau entre os anos de 2005 e 2022.

Gráfico 4 – Resultados obtidos por meio do IVCR dos cinco maiores Estados exportadores de cacau entre os anos de 2005 e 2022.

Gráfico 5 – Resultados obtidos utilizando o Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) dos cinco principais países exportadores de cacau em relação ao Brasil.

LISTA DE SIGLAS

ABC - Programa de Agricultura de Baixa Emissão de Carbono

ApexBrasil - Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos

BA – Bahia

BE – Bélgica

BG – Bulgária

BR - Brasil

CEPLAC – Comissão Executiva do Plano de Lavoura Cacaueira

CI – Costa do Marfim

ES – Espírito Santo

FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations **FUNCACAU** - Fundo de Desenvolvimento da Cacaucultura do Pará

GH – Gana

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICB - Indústria de Chocolate da Bahia

ICCO - International Cocoa Organization **IOR** – Índice de Orientação Regional

IVCR – Índice de Vantagem Comparativa Revelada

MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

PA - Pará

PGPM - Política de Garantia de Preços Mínimos

PRLCB - Programa de Recuperação da Lavoura Cacaueira Baiana

PROCACAU - Programa de Desenvolvimento da Cadeia Produtiva da Cacaucultura

RO – Rondônia

SP – São Paulo

WTO - World Trade Organization

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 PANORAMA HISTÓRICO DA PRODUÇÃO DE CACAU NO BRASIL.....	13
3 METODOLOGIA.....	18
3.1 Dados.....	19
4 RESULTADOS: O PANORAMA DO SETOR CACAUEIRO	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

A abertura da economia nacional em 1990 trouxe maiores oportunidades para os produtos brasileiros entrarem no mercado internacional (Barros; Goldenstein, 1997). Entre os produtos que merecem destaque, estão os agrícolas, entre eles o cacau, que é considerado um produto tradicional nobre na agricultura brasileira.

Segundo dados da Apex Brasil (2022), atualmente o Brasil se encontra em sétimo lugar no ranking mundial de produção de cacau, com sua última produção anual de 302.157 toneladas/ano, com uma participação de 4,6% da produção, estando atrás de Camarões (5,0%), Equador (5,1%), Nigéria (6,3%), Indonésia (14,0%) e Gana (14,5). Atualmente a Argentina é o principal destino, tendo suas importações de US\$78,600,000, seguido dos Estados Unidos (US\$66,400,000) e Chile (US\$21,700,000).

Sequeira (2016) classifica três tipos diferentes de cacau que prosperam exclusivamente em climas equatoriais ou tropicais. Isso justifica porque o Brasil é tido como um dos maiores produtores de cacau globalmente. O cacau Criollo é reconhecido por sua ausência de antocianinas, responsável pela coloração roxa nas sementes de cacau, embora essas substâncias possam ser empregadas como corantes naturais. Consequentemente, esse tipo de cacau é considerado uma variedade mais refinada (Cruz, 2002). Entretanto, essa variedade é mais suscetível a doenças, representando, portanto, uma minoria (Sequeira, 2016).

O cacau da variedade Forasteiro é mais arredondado, casca lisa e dura, tem suas sementes presas à polpa. Além do mais, ele apresenta antocianinas, proporcionando o sabor e aroma mais amargo e acentuado. Em questão produtiva, ele sobrevive a condições climáticas bem rígidas, sendo responsável por 95% de toda a produção mundial. (Cruz, 2002; Sequeira, 2016).

Já o cacau Trinitário surge como resultado das classificações entre os dois tipos de cacau mencionados anteriormente, sendo considerado um híbrido que apresenta qualidades superiores por combinar características de ambos (Cruz, 2002). Além disso, observa-se a existência de um quarto do tipo denominado "Amelonado", cuja origem remonta à Bahia e que, no século XIX, foi introduzido no Leste da África.

Países como Gana, Costa do Marfim, Indonésia, Nigéria e Brasil são favorecidos neste quesito por ter o clima esperado para que haja uma ótima plantação de cacau, na qual representa uma importância econômica global. Neste sentido, o Brasil possui uma grande parcela da região nordestina, mais especificamente no Sul, com produção elevada de cacau, devido aos fatores climáticos que favorecem seu cultivo. Assim, o principal Estado brasileiro

exportador de cacau é a Bahia, sendo responsável por 98,40% das exportações brasileiras. Anteriormente, devido ao potencial baiano, o Brasil já esteve entre os três maiores produtores de cacau a nível mundial (Fazcomex, 2022).

Por ser considerada uma mercadoria, essa amêndoa sempre esteve suscetível a influências externas, como o colapso da bolsa de valores de Nova York em 1929. Esse evento desestabilizou os produtores de cacau, deixando-os sem compradores. Assim, o Governo Federal vê o potencial econômico do cacau para o Brasil e toma medidas intervencionistas, estabelecendo duas instituições: a Indústria de Chocolate da Bahia (ICB) e a CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira). Essas intervenções foram cruciais para revitalizar o setor, aproveitando as condições climáticas e políticas.

Entre o final do século XIX e o início do século XX o setor cacaueiro sofreu uma perda de grande parte de sua produção devido à doença vassoura-de-bruxa e só em 2015 que suas exportações puderam ser retomadas. Apesar de haver estudos que busquem analisar a competitividade do setor, não há estudos que façam isso para um período mais recente, onde é possível perceber uma recuperação do setor.

O objetivo desta pesquisa é analisar o nível de competitividade dos principais Estados produtores de cacau do Brasil e a competitividade do Brasil em comparação com os principais produtores mundiais. Metodologicamente, foi utilizado o Índice das Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) e seu cômputo foi realizado para o período de 2005 a 2022.

Com esta análise, busca-se trazer evidências que possam refletir em políticas que sejam capazes de beneficiar a produção e também a competitividade no cenário internacional. Ademais, esta temática não é muito explorada pela literatura, portanto, a ideia é de fomentar o tema, visto que o Brasil tem potencial de produção e comercialização deste bem.

Esta pesquisa está organizada em cinco seções. Na primeira seção há uma breve contextualização do setor cacaueiro no cenário brasileiro trazendo consigo dados de produção e justificativas de seus baixos resultados. A segunda seção apresenta o panorama histórico da produção de cacau no Brasil. Já na terceira seção é apresentada a metodologia utilizada, descrevendo a fórmula do IVCR e como interpretar seus resultados. Na quarta seção são apresentados, por meio de tabelas e gráficos, os resultados obtidos através do cálculo do IVCR das exportações mundiais e nacionais de cacau. Por fim, a seção final contém as considerações finais da pesquisa.

2 PANORAMA HISTÓRICO DA PRODUÇÃO DE CACAU NO BRASIL

A introdução do cacau no Brasil se deu pelo botânico francês Louis Frederic Warneaux, no Estado da Bahia em 1746, vindo do Pará com o objetivo de presentear Antonio Dias Ribeiro no município de Canavieiras na fazenda “Cubículo”. Logo depois, seu plantio foi feito na Bahia, mais especificamente no município de Ilhéus. Entretanto, a partir de 1860 foi estabelecida a exploração econômica desta matéria prima. Em sequência, no ano de 1903 houve uma expansão, fazendo com que a Bahia se tornasse a maior produtora de cacau (Rangel, 1982). Mas foi em 1835 que o cacau se tornou uma das principais *commodities* a serem exportadas na Bahia, tendo assim sua importância no comércio internacional.

O século XIX foi identificado pelo aumento exponencial do tráfico atlântico de africanos para as Américas. Foi entre 1801 e 1850 que desembarcam milhares de africanos nos portos do Brasil. Este fato se deu pela necessidade de baratear as matérias-primas para, consequentemente, diminuir o valor da *commodity* no mercado internacional, utilizando então do trabalho escravo, conhecida pela mão de obra barata. Parte deste grupo foi levada à Província da Bahia, onde a comercialização da cana de açúcar se desenvolveu ainda mais, especialmente pela rebelião escrava de São Domingue (1798), conhecida também como Revolução Haitiana, que detonou as instalações da ilha e retirou do mercado um dos maiores fornecedores mundial de açúcar (Lima et al., 2022).

Deste modo, muitos que cultivaram o cacau, na década de XX, para comércio acabaram enriquecendo, sendo conhecidos como coronéis do cacau, por conta de suas elevadas vendas, ressaltando que o plantio do cacau foi realizado por diversos grupos sociais, pessoas livres, pobres, indígenas, libertos e principalmente escravos. Já em 1883, o Brasil participou em conjunto com outros dez países, da Conferência de Paris, onde foi debatido e estabelecido a União Internacional para Proteção da Propriedade Intelectual, que tem como objetivo a proteção do trabalhador no Brasil, e garante o impulsionamento do desenvolvimento tecnológico e econômico do país (Silva et al., 2020).

Há o quesito da Indicação Geográfica, que é visto como um tipo de propriedade intelectual que se baseia na ideia de que apenas produtores de certa região têm o direito de uso e comercialização de um determinado produto, isto é, os produtores da região de Ilhéus poderiam continuar cultivando e comercializando o cacau sem ameaças externas de invasão para proveito da qualidade do clima e do solo, principalmente (Silva et al., 2020).

Mesmo diante de tanto cultivo e comércio nessa região, foi apenas em 1890 que o cacau se tornou o produto mais exportado, tornando o município de Ilhéus numa

potência econômica nacional. Já no âmbito nacional, o cacau foi considerado o segundo produto mais exportado, ficando atrás do café. Visto este destaque na produção mundial, foi desencadeado um período de prosperidade no setor cacauero, com elevação nas exportações da amêndoa. A primeira fragilidade da cacauicultura brasileira foi em 1929 causada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York. Deste modo, os coronéis do cacau ficaram sem demandantes para a safra, lesionando drasticamente seu comércio (Viana, 2013).

O ano de 1989, no governo de José Sarney (1985-1990) foi marcado pela queda das produções brasileiras de cacau causado pela doença nas plantações, conhecida como Vassoura-de-Bruxa. A Vassoura de Bruxa, causada pelo fungo *Moniliophthora* perniciosa, foi uma das doenças que lesionou grande parte da produção brasileira das plantações de cacau no ano de 1989, sendo conhecido por sua alta velocidade de contaminação (Pereira, 1996; Pires, 2003).

Este fungo é facilmente reconhecido na lavoura por ter suas folhas apresentando inchaço, superbrotamento e morte dos ramos novos; as folhas são normalmente torcidas; botões e flores incomuns aparecem no prato de flores e observar anormalidades nos frutos jovens. Os danos desenvolvidos por este fungo se dá ao cacau formatos similares ao "Morango" ou "Cenoura", entretanto, frutos menores são deformados e amadurecem cedo. Os frutos maiores apresentam manchas escuras, enrugadas e duras no súber e escurecimento e compactação das sementes no interior o que as torna inutilizáveis na maioria dos casos (Gramacho et al., 1992). Essa contaminação pode ser advinda de ventos, água das chuvas, por sementes contaminadas, ou seja, meios que afetem os tecidos meristemáticos.

Ainda nesse governo alguns projetos foram introduzidos como o Plano Cruzado, Bresser, a política do "Feijão com Arroz" e o Plano Verão, com o objetivo de controlar a inflação por meio de medidas como congelamento de preços, aumento de encargos financeiros e reajuste da mão-de-obra, assim como a redução constante do crédito agrícola e os produtores cacaueros "encontraram-se diante de uma atividade pouco flexível, do ponto de vista tecnológico, com reduzida mobilidade dos fatores produtivos e concomitantes elevação de custos de insumos e erosão dos preços recebidos pelos efeitos inflacionários" (Silva; Cartibani, 2001, p. 2).

Na década de 80 houve a participação da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC) e, com isso, o cacau obteve boa adequação no solo baiano. Deste modo, em 1986, o Brasil se destacou no cenário internacional ficando em segundo lugar das produções mundiais, ficando atrás de Costa do Marfim, com produção de 458.754 mil toneladas de amêndoas, utilizando mais de 655,05 mil toneladas de área colhida e 619.800 mil

toneladas de amêndoas respectivamente (IBGE, 2020).

O setor cacauero não conseguiu manter grandiosos resultados como este nos anos seguintes. Isso se deu pelo aumento dos custos de produção e na dificuldade ao acesso do produtor na introdução de tecnologias, causadas pelo plano de estabilização desenvolvido no governo de José Sarney. A década de 1990 foi um período relevante para a produção nacional de cacau, tendo em vista que nela foi possível analisar os efeitos decorrentes da crise de 1989, causado pelo fungo da Vassoura-de-Bruca, e as tentativas de estabilização e recuperação do setor. Neste período, durante o governo Collor (1990-1992), seria necessário criar estratégias para melhorias do setor cacauero, mas este sofreu com a má distribuição da chuva, escassez de crédito rural, o que dificultou o produtor a financiar o custeio de lavouras e novas tecnologias para tratagem do fungo (Silva et al., 2020).

Já em 1992, durante o governo de Itamar Franco (1992-1995) surgiu a necessidade de realizar a primeira importação do cacau, totalizando 1.821 mil toneladas de amêndoa. No entanto, no lançamento do Plano Real, que tinha como objetivo acabar com a inflação do país realizando, principalmente, um processo de abertura econômica com redução de tarifas para importação. No final de seu governo, em 1995, foi implementado o Programa da Lavoura Cacaueira Baiana (PRLCB), com a finalidade de reduzir os efeitos negativos da produção. Este Programa tem como objetivo controlar a proliferação do fungo e recuperar a produtividade das lavouras (Banco Central Do Brasil, 1995). No entanto, este plano teve efeito contrário, endividando os produtores e não cumprindo com o aumento da produtividade.

No governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), ainda houve uma redução no volume de produção e, conseqüentemente, de suas exportações por conta ainda ao fungo e das situações adversas do clima. Portanto, as indústrias moageiras nacionais tiveram a necessidade de importar a amêndoa de cacau pelo sistema via drawback de importação (Silva et al., 2020).

No governo Lula (2003-2011), mais especificamente em 2008, foi implantado o Plano Executivo para Aceleração do Desenvolvimento do Agronegócio na Região Cacaueira do Estado da Bahia, (PAC do Cacau). Este Projeto tinha como objetivo revitalizar a cacaucultura baiana, por meio de crédito para custeio e investimento, renegociar as dívidas anteriores dos produtores, principalmente daqueles que sofreram com a primeira tentativa de levantamento do setor, aumentar a produção de cacau orgânico e também de promover a realização de pesquisas. Vale destacar que este crédito era originário do Banco do Nordeste, do Desenhavia e do Banco do Brasil (Portal Governo da Bahia, 2008).

Neste mesmo período, no Pará foram instaurados outros programas, como o

Programa de Aceleração do Crescimento e Consolidação da Cacaucultura no Estado do Pará (PAC CACAU-PA) e o Fundo de Apoio à Cacaucultura do Estado do Pará (FUNCACAU). No fim do governo Lula, no Pará, foi desenvolvido outro programa para aumentar a produção de cacau, com o objetivo de tornar a maior produção nacional através do Programa de Desenvolvimento da Cadeira Produtiva da Cacaucultura no Pará (PROCACAU) (Nunes; Bastos, 2018).

Já no governo Dilma (2011-2016), o cacau foi introduzido na Política Geral de Preço Mínimo (PGPM), onde o Governo Federal auxiliou realizando a compra de produtos ou financiando estoque quando o preço de mercado se encontrasse abaixo do mínimo. No final de seu mandato, a CEPLAC, que estava perdendo cada vez mais de seu orçamento, se reestruturou, e começou a ter parceria com o Ministério da Agricultura, com o objetivo de ter ainda mais orçamentos para serem aplicados em pesquisa e inovação, fazendo com que o Brasil se tornasse a ser um grande exportador de cacau, mais uma vez. Ainda assim, os produtores que não conseguiram quitar suas dívidas tiveram outra oportunidade para renegociação (Silva et al., 2020).

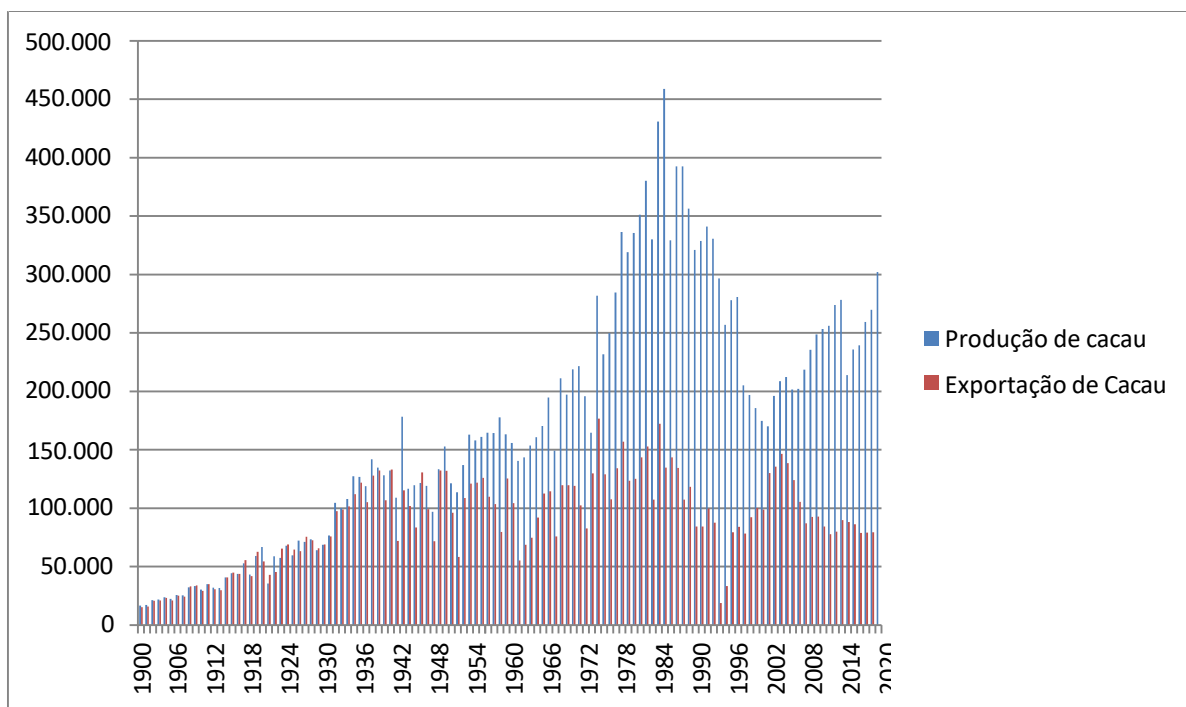
Em 2015 o governo do Estado do Pará divulgou o Plano Estratégico de Desenvolvimento Sustentável do Estado do Pará, que tinha como objetivo desenvolver também a produção local de cacau, onde tinha como intenção realizar ações para melhoria no setor cacaueiro como capacitar a mão-de-obra, executar pesquisas, atrair a indústria moageira e fábricas de chocolate para o Estado, promover o investimento privado para o setor, assim como obter recursos para também produzir cacau com certificações de origem, como cacau orgânico e cacau fino, deste modo, agregando valor ao produto. Este plano tem a ideia de duplicar a produção de 2013 no ano de 2030 (Silva et al., 2020).

No Governo de Michel Temer (2016-2019) foi observado um aumento constante na produção de cacau, devido a inclusão do cacau no Programa de Agricultura de Baixa Emissão de Carbono (ABC) no ano de 2017. Por fazer parte deste projeto, foi recebido crédito para investimento e manutenção da cultura (Ministério Da Agricultura, Pecuária E Abastecimento, 2017).

Embora a Bahia e o Pará serem os principais produtores de cacau no Brasil na atualidade, ainda assim o somatório de suas produções no último ano representa apenas uma parte da produção do que a Bahia conseguia produzir sozinha quando se observa seus três maiores picos nos anos de 1986, 1985 e 1983, com suas produções de 395.486 toneladas, 361.800 toneladas e 346.652 toneladas respectivamente, assim como pode ser observado no Gráfico 1. Deste modo, é possível perceber que a doença da vassoura-de-bruxa chegou

quando a produção nesta região estava no auge. Além do mais, o país ainda possui uma alta produção desta *commodity*, sendo possível perceber que não é feita a exportação total do cacau produzido.

Gráfico 1 – Produção versus Exportação de Cacau no Brasil



Fonte: Elaboração pelo próprio autor. ComexStat e IBGE.

3 METODOLOGIA

O indicador utilizado para determinar a participação do cacau no mercado internacional é o Índice das Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR), proposto por Balassa (1965). Este índice mostra, neste estudo, se o Brasil ou alguma das regiões analisadas são eficientes e/ou especializadas dentro do mercado local.

Ainda sobre este índice, mesmo que um país/estado fosse menos eficiente que outro na produção de determinado bem, mesmo assim seriam possíveis ganhos com o comércio internacional (Krugman; Obstfeld, 2007). Entretanto, com o IVCR será possível comparar o peso das exportações do cacau do total de exportações de um país/estado em relação a uma determinada.

O Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) é uma métrica usada para avaliar a especialização de um país/estado na produção e exportação de bens e serviços em relação a seus parceiros comerciais. Ele é amplamente utilizado na teoria do comércio internacional. A fórmula para calcular o IVCR é a seguinte:

$$IVCR = (X_{ij}/X_i) / (X_{wj}/X_w) \quad (1)$$

Onde:

X_{ij} = valor das exportações brasileiras de cacau;

X_i = valor das exportações brasileiras;

X_{wj} = valor das exportações mundiais de cacau;

X_w = valor das exportações mundiais.

Ou:

X_{ij} = valor das exportações de cacau de um determinado Estado;

X_i = valor das exportações do Estado;

X_{wj} = valor das exportações brasileiras de cacau;

X_w = valor das exportações brasileiras.

De acordo com Maia (2002), se:

$IVCR < 1$ – não possui vantagem comparativa revelada.

$IVCR > 1$ – possui vantagem comparativa revelada.

$IVCR = 1$ – não possui vantagem e nem desvantagem comparativa revelada.

3.1 Dados

Para avaliar a inserção do Brasil no mercado mundial, foram identificados os cinco maiores países exportadores de cacau nos anos de 2005 a 2022, sendo este período escolhido por conta da disponibilidade dos dados mais recentes para análise. O NCM utilizado foi o 18010000, referente ao cacau inteiro ou partido, em bruto ou torrado. Para o cálculo do IVCR do cacau brasileiro em relação ao mundo, foram utilizados dados referentes às exportações de cacau identificadas na medida em milhões de dólares, a partir da base FAOSTAT (FAO, 2023) e da Organização Mundial do Comércio (WTO, 2023).

Em seguida, calculou-se o IVCR do cacau de Estados brasileiros produtores, como São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Bahia e principalmente o Pará - que não é percebido em muitos estudos, porém, como foi identificado, atualmente ele é considerado o maior produtor de cacau brasileiro, seguido da Bahia. Logo, o valor das exportações de cacau e total de cada um dos Estados brasileiros foi obtido por meio do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC, 2023), visualizados na medida em unidade 1 (um) dólar.

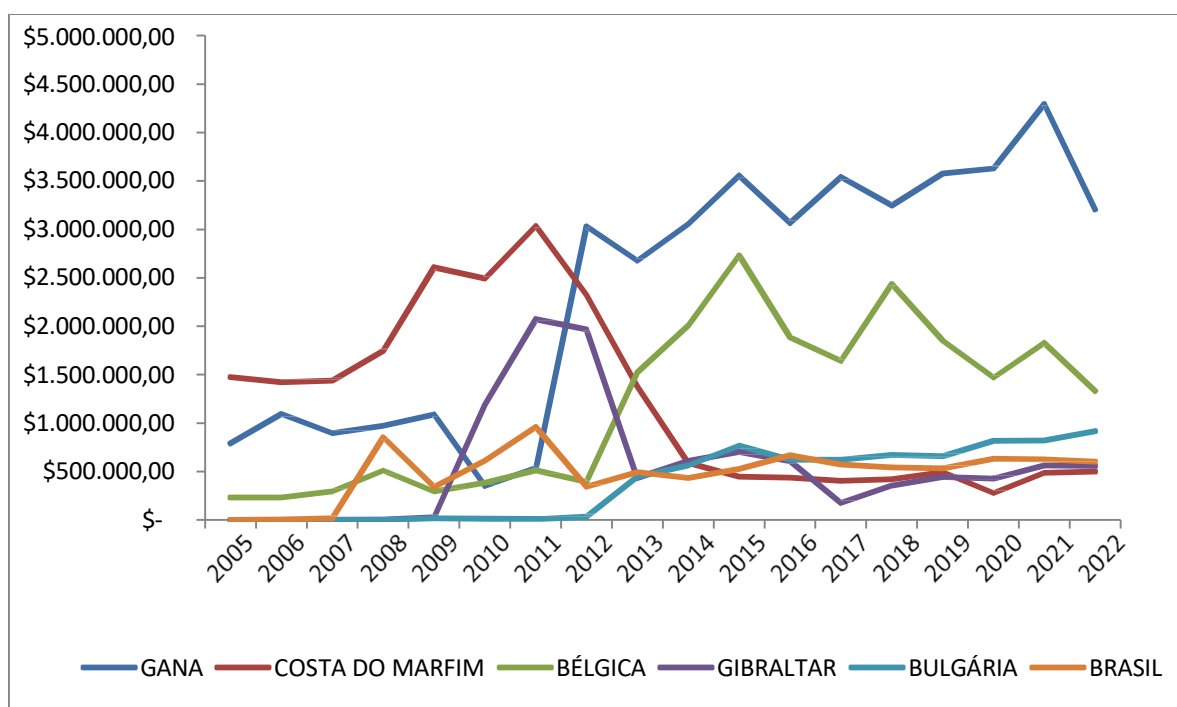
4. RESULTADOS: O PANORAMA DO SETOR CACAUEIRO

A presente seção tem como objetivo sintetizar o setor cacauero, fazendo uma análise que compreende os anos de 2005 a 2022, tanto das exportações brasileiras, como dos cinco principais Estados e países exportadores em relação com o Brasil.

O Gráfico 2 apresenta a relação da quantidade de cacau exportado entre os anos de 2005 e 2022 entre os cinco principais países exportadores deste produto em milhares de dólares. É possível perceber que Gana e Costa do Marfim são os maiores exportadores de cacau. No entanto, nota-se um aumento constante nas exportações de Gana, enquanto as exportações da Costa do Marfim tiveram flutuações.

Observa-se uma tendência de crescimento nas exportações por parte da Costa do Marfim ao longo dos anos, com números crescentes até 2012 e, após um declínio temporário, uma retomada do crescimento a partir de 2015. Ainda assim, ele ilustra a dinâmica de exportação de cacau dos cinco principais países exportadores de cacau entre 2005 e 2022. Inicialmente, a Costa do Marfim emergiu como o principal exportador, experimentando um declínio em 2011. No ano seguinte testemunhou Gana assumindo o principal exportador, enquanto o Brasil iniciou suas exportações de cacau em 2007, apresentando uma evolução progressiva, embora não consistente, no setor de cacau.

Gráfico 2 – Relação das exportações de cacau dos cinco maiores países exportadores entre os anos de 2005 e 2022.



Fonte: Gráfico elaborado pelo próprio autor com base nos dados obtidos pelo Trademap (2023).

O objetivo era capacitar no mínimo 200 mil produtores de cacau e beneficiar aproximadamente um milhão de membros da comunidade cacauaieira. Para coordenar esses esforços, a Cadbury Cocoa Partnership foi estabelecida em Gana em 2008, demonstrando nosso compromisso com a sustentabilidade do cacau e a preservação do futuro do nosso chocolate (Cocoalife, 2023).

A quantidade de cacau exportada por Gana aumentou consideravelmente ao longo do período, atingindo o pico em 2022, quando o país exportou mais de 4 milhões de toneladas. Gana teve um desempenho sólido, mantendo-se entre os três principais exportadores de cacau durante a maioria dos anos, ocupando a segunda posição na maioria dos anos. Observa-se uma queda significativa nas exportações em 2010, mas depois houve uma recuperação nos anos subsequentes. O crescimento mais expressivo ocorreu a partir de 2012, culminando em um aumento notável em 2022. Os números de exportação de Gana são impressionantes e refletem a importância do cacau na economia do país. Esses dados demonstram a significativa contribuição de Gana para o mercado global de cacau e como as exportações desse país evoluíram ao longo do tempo.

A Bélgica também exporta significativamente cacau, mas seus números são menores em comparação com os principais exportadores. Houve flutuações, mas uma tendência de crescimento geral. Gibraltar, Bulgária e Brasil têm números consideravelmente menores nas exportações de cacau, com flutuações irregulares ao longo dos anos. É possível perceber um aumento geral nas exportações de cacau de todos os países listados entre os anos de 2005 e 2015. Desde então, houve alguma estabilização e, em alguns casos, uma diminuição nas exportações. Já o Brasil teve um crescimento notável nas exportações da commodity ao longo dos anos, com flutuações expressivas, mas um aumento consistente no período.

A Indonésia é um exportador de cacau, embora seu desempenho não seja tão consistente ou expressivo quanto o de países como Costa do Marfim e Gana. Em 2005, ocupava a terceira posição no ranking de exportação de cacau. No entanto, houve flutuações significativas nos anos seguintes, com classificações variando de ano para ano. A quantidade de cacau exportada pela Indonésia também mostrou variações consideráveis. Em 2009, houve um aumento notável, mas a partir de 2013, as exportações caíram drasticamente até chegar à zero em 2015 e 2016. As exportações foram retomadas em 2017, mas em níveis mais baixos. Em 2022, exportou cacau novamente, com uma quantidade significativamente menor em

comparação com os anos anteriores. Esses dados refletem a volatilidade nas exportações de cacau da Indonésia, com flutuações significativas na quantidade exportada e na classificação do país em relação a outros exportadores de cacau. Assim, enfrentou desafios em sua produção de cacau que afetaram sua consistência nas exportações.

A classificação da Bélgica nas exportações de cacau permanece relativamente estável, geralmente mantendo uma posição intermediária no ranking ao longo dos anos. Houve um aumento nas exportações em 2014, atingindo a segunda posição no ranking de exportação de cacau. No entanto, em anos subsequentes, a classificação caiu para a segunda ou terceira posição, mantendo-se nesse patamar até 2022. Sua posição no mercado de cacau pode ser influenciada por seu papel no processamento e na indústria de chocolate, uma vez que muitas empresas de chocolate têm sede ou operações significativas no país.

No entanto, Camarões exportam cacau, embora em quantidades relativamente modestas em comparação com os principais países produtores de cacau. A quantidade de cacau exportada variou significativamente ao longo do período, com altos e baixos notáveis. Em alguns anos, as exportações foram quase inexistentes, como em 2013 e 2015. Sua classificação nas exportações de cacau também mostrou flutuações, com o país caindo para posições mais baixas ou ausentes em alguns anos, como em 2013, 2015 e 2020. As exportações de cacau dos Camarões foram registradas novamente, embora em uma quantidade muito pequena. Esses dados indicam que os Camarões têm uma presença no mercado de cacau, mas suas exportações são caracterizadas por flutuações significativas, refletindo desafios na produção e exportação de cacau.

A Bulgária não é tradicionalmente conhecida como um grande exportador de cacau e os dados refletem isso. Sua classificação nas exportações varia significativamente de ano para ano, com posições que vão de 15 a 80, indicando uma presença modesta no mercado de exportação de cacau. As exportações começaram a ser registradas a partir de 2007 e, ao longo dos anos, houve um aumento na quantidade exportada, atingindo um pico em 2022. Desde então ocupou a terceira posição no ranking de exportação de cacau, embora a quantidade exportada ainda seja relativamente baixa em comparação com os principais produtores. Em resumo, ela não é considerada um grande produtor ou exportador de cacau, mas os dados mostram um aumento nas exportações ao longo dos anos.

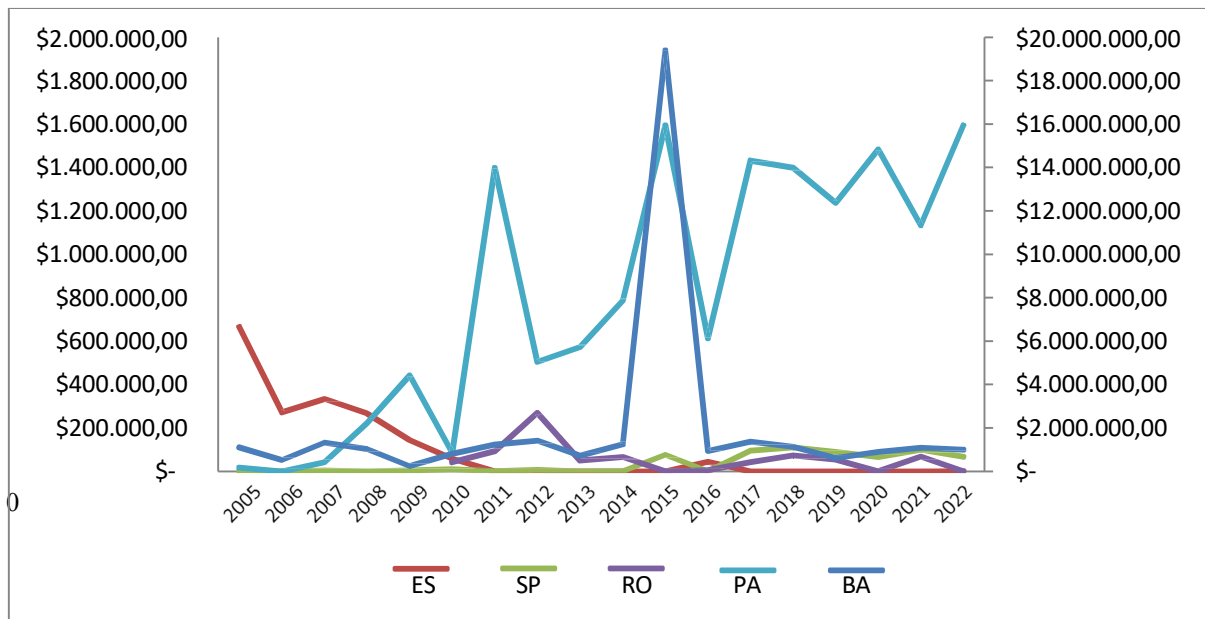
Gibraltar, um território britânico ultramarino, não é tradicionalmente conhecido como um produtor significativo de cacau. Os dados mostram flutuações significativas nas exportações de cacau ao longo do período. Em 2009, houve um aumento notável, atingindo mais de 1,1 milhão de toneladas, tornando-o o segundo maior exportador de cacau do mundo

nesse ano. Sua classificação nas exportações de cacau também variou, com o país ocupando posições entre a 2^a e a 47^a posição, refletindo as flutuações nas exportações ao longo do tempo.

O Brasil é um produtor e exportador de cacau, embora sua classificação e quantidade de exportações variem ao longo dos anos. A quantidade exportada teve flutuações significativas durante o período. Em 2008, houve um aumento notável, tornando-o o terceiro maior exportador de cacau do mundo neste ano. Sua classificação nas exportações desta commodity também variou, com o país ocupando posições entre a terceira e a 27^a posição, refletindo as flutuações nas exportações ao longo do tempo. Esses dados mostram que o Brasil tem uma presença na exportação de cacau, embora suas exportações variem consideravelmente ao longo dos anos. Bahia (BA) é o estado com as exportações mais significativas de cacau, com volumes consideráveis em vários anos. Em 2015, houve um pico de exportação.

Assim, pode-se perceber no Gráfico 3 dados do território brasileiro, onde é identificado o eixo principal para representar dados para Espírito Santo, São Paulo, Rondônia e Bahia. Por outro lado, no eixo secundário estão dispostos os dados para Bahia. Com base nesses dados, percebe-se que o Estado do Pará também mostra exportações consideráveis de cacau, apresentando um aumento notável em 2016. Espírito Santo teve volumes menores de exportações de cacau, com algum movimento nos anos iniciais, mas sem exportações significativas nos anos posteriores.

São Paulo teve exportações em diversos anos, embora com volumes menores em comparação com Bahia e Pará. Amazonas, Rondônia e Amapá tiveram volumes muito baixos de exportações de cacau, com alguns anos sem exportações registradas. Além disso, pode-se identificar que Estados como Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Santa Catarina, não tiveram exportações significativas de cacau nos anos listados.

Gráfico 3 – Cinco principais Estados exportadores de cacau entre os anos de 2005 e 2022

Fonte: Gráfico elaborado pelo próprio autor com base nos dados obtidos pelo Comexstat (2023).

Os dados de 2022 mostram exportações do estado do Amapá, embora em quantidades relativamente baixas em comparação com outros estados. Esses dados refletem a diversidade nas exportações de cacau em diferentes estados do Brasil, com Bahia e Pará sendo os principais contribuintes.

No entanto, Bahia se destaca com seu alto índice de exportação, na qual foi incluído o eixo secundário para facilitar a visualização destes dados. Neste, pode-se verificar que Bahia já teve seu pico de participação nas exportações no ano de 2015 e houve uma queda muito bruta nos anos seguintes. É importante notar que as exportações podem variar ao longo do tempo devido a fatores como a produção local e a demanda global por cacau. Desse modo, é evidente que o Estado do Pará também teve crescimento notável em todos os períodos de forma crescente, mas não constante. No entanto, ele é identificado como principal exportador de cacau do Brasil.

Para elucidar os resultados decorrentes do cálculo do IVCR, a Tabela 1 apresenta a identificação dos Estados com vantagem comparativa revelada, conforme a teoria proposta por Maia (2002). Se o IVCR for inferior a 1, indica ausência de vantagem comparativa revelada para o Estado. Em contrapartida, um IVCR superior a 1 sugere que o Estado possui vantagem comparativa revelada. No caso de o IVCR ser igual a 1, indica que o Estado não apresenta nem vantagem nem desvantagem comparativa revelada.

Tabela 1 – Resultados obtidos por meio do IVCR dos cinco maiores Estados exportadores de cacau entre os anos de 2005 e 2022

ANO	BA	ES	SP	RO	PA
2005	0,031	7,8808	0,0045	0	0,2393
2006	0,032	6,7478	0	12,2363	0
2007	0,036	4,5526	0,0080	0	0,5071
2008	0,029	3,3154	0	13,3151	2,5802
2009	0,013	4,1189	0,0169	0	9,1045
2010	0,034	0,9745	0,0342	19,0763	1,2839
2011	0,018	0	0,0005	16,8878	6,6763
2012	0,032	0	0,01464	41,2791	4,1363
2013	0,022	0	0	8,2394	6,1460
2014	0,026	0	0,0016	6,6804	5,9853
2015	0,039	0	0,0149	0	1,3783
2016	0,021	0,8290	0	0,6357	6,4104
2017	0,017	0	0,1385	2,8731	7,2376
2018	0,016	0	0,1826	5,0884	7,8609
2019	0,012	0	0,2193	4,9763	8,2361
2020	0,014	0	0,1327	0	6,1430
2021	0,017	0,0003	0,2294	5,0130	4,8004
2022	0,016	0,0177	0,1232	0	9,4005

Fonte: tabela realizada pelo autor a partir dos dados obtidos no Comexstat (2023), por meio do IVCR.

No entanto, o Gráfico 4 ilustra visualmente esses dados, mostrando uma flutuação específica nos valores do IVCR ao longo dos anos para cada estado. Esta variação pode implicar mudanças na produção de cacau, potencialmente atribuíveis a fatores climáticos, políticas agrícolas ou exigências do mercado. Certos estados exibem consistentemente valores mais elevados de IVCR em comparação com outros.

Por exemplo, o Espírito Santo apresentou consistentemente valores mais elevados no início do período analisado, enquanto São Paulo manteve consistentemente um IVCR abaixo de 1 em todos os períodos, significando uma falta de vantagem comparativa revelada em comparação com outros estados. Existem picos perceptíveis no IVCR para estados específicos em determinados anos. Por exemplo, Rondônia apresentou um IVCR notavelmente elevado em 2010, indicando potencialmente um aumento significativo nas exportações de cacau

durante esse ano específico. Em vários casos, estados específicos exibiram flutuações substanciais no IVCR, como São Paulo em 2006 e 2008, e Pará em 2015.

A Bahia, reconhecida como o maior produtor brasileiro de cacau, apresenta IVCR abaixo de 1, indicando nenhuma vantagem comparativa revelada em relação a outros estados, enquanto o Pará apresenta IVCR acima de 1 a partir de 2008. Notavelmente, o período mais recente mostra um pico no IVCR ao longo de todo o período analisado.

Gráfico 4 – Resultados obtidos por meio do IVCR dos cinco maiores Estados exportadores de cacau entre os anos de 2005 e 2022.

Fonte: Gráfico elaborado pelo próprio autor com base nos dados obtidos pelo Comexstat (2023).

O Gráfico 5 apresenta os resultados obtidos utilizando o Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) dos cinco principais países exportadores de cacau e o Brasil. Nele, é possível perceber os dados no eixo principal para Gana, Costa do Marfim, Bélgica, Gibraltar e Bulgária. Por outro lado, no eixo secundário são percebidos os dados para Brasil.

No cenário brasileiro é possível perceber que ele não teve vantagem comparativa revelada em nenhum momento do período analisado, onde é identificado valores abaixo de 1. Ademais, percebe-se uma queda a partir de 2010 atingindo seu pico mais baixo em 2015. A partir dos próximos anos é possível perceber sua evolução no setor, mas não constante.

Gana tem índices significativos, indicando possivelmente uma posição forte no mercado de cacau. A Costa do Marfim também tem índices expressivos, embora variem mais ao longo dos anos. Bélgica mostra um índice muito baixo em comparação com os países exportadores de cacau, indicando um papel menor na produção ou exportação direta de cacau. Gibraltar, Bulgária e Brasil têm índices extremamente baixos em comparação com os líderes do mercado, diminuindo uma participação mínima ou quase inexistente nas exportações de cacau.

É possível perceber que os índices apresentam flutuações consideráveis ao longo dos anos para todos os países, mas Gana e Costa do Marfim parecem manter índices relativamente altos, enquanto os demais permanecem muito baixos. Entretanto, em alguns casos, há aumentos repentinos nos índices, seguidos por quedas nos anos seguintes, o que pode indicar flutuações no mercado ou mudanças nas políticas de exportação.

Gráfico 5 – Resultados obtidos utilizando o Índice de Vantagem Comparativa Revelada

(IVCR) dos cinco principais países exportadores de cacau em relação ao Brasil.

Fonte: Gráfico elaborado pelo próprio autor com base nos dados obtidos pelo Trademap (2023).

A Tabela 2 apresenta os resultados obtidos pelo cálculo do IVCR do cacau (SH1801) em relação ao mundo, 2005 – 2022. Considerando-se o período analisado de 18 anos constatou-se que em todo período em análise há vantagem comparativa revelada para Gana. No entanto, para Costa do Marfim, apenas em 2015 não é percebido a vantagem comparativa revelada. Já para Gibraltar, não se percebe vantagem comparativa revelada nos três primeiros períodos analisados. Para Bélgica, não se percebe vantagem comparativa revelada em nenhum período. Para Bulgária, o cacau foi se tornando importante na pauta de exportações no decorrer dos anos, onde percebe um aumento gradativo, mas não constante. Para Brasil, o cacau nunca foi importante na pauta de exportações.

Tabela 2 - Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) do cacau em relação ao mundo, entre o período de 2005 à 2022

ANO	GH	CI	GI	BE	BG	BR
2005	17,1683	13,4854	0,0248	0,0455	0	0,0009
2006	50,2946	28,9542	0,0053	0,1056	0	0,0040
2007	23,7235	16,6741	0,0278	0,0638	0	0,0106
2008	31,663	22,2467	2,2965	0,1344	0,0008	0,5405
2009	36,9041	43,4790	16,417	0,1360	0,1859	0,3879
2010	12,7509	46,1839	635,22	0,1799	0,0978	0,5808
2011	2,59452	23,9136	521,9491	0,0937	0,0248	0,3309
2012	23,3626	25,9887	488,8299	0,1073	0,1515	0,1751
2013	36,0727	17,1009	118,5217	0,5557	2,8444	0,3599
2014	21,3517	5,0183	59,7646	0,4609	2,0696	0,2135
2015	2,34852	0,3241	15,6783	0,0625	0,2706	0,0249
2016	32,644	4,6793	309,6806	0,5369	2,6427	0,4099
2017	18,2922	2,3560	38,0799	0,2833	1,4637	0,1952
2018	17,1754	3,2264	196,8782	0,4706	1,8024	0,2047
2019	25,6667	4,5879	356,4586	0,4988	2,3649	0,2868
2020	21,7267	1,91515	207,3864	0,2996	2,1829	0,2582
2021	34,5591	3,9557	654,5596	0,4156	2,4756	0,2790

2022	19,0716	3,8838	170,8899	0,2663	2,3144	0,2287
------	---------	---------------	-----------------	---------------	---------------	---------------

Fonte: tabela elaborada pelo próprio autor com base nos dados obtidos pelo Trademap (2023).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar a competitividade brasileira no setor cacauero entre os anos de 2005 e 2022, por meio do Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR). A pesquisa permitiu compreender a dinâmica do mercado de cacau, os desafios enfrentados pelos produtores e as tendências que moldam a participação do Brasil no comércio internacional.

Os resultados demonstraram que o Brasil não apresentou vantagem comparativa revelada ao longo do período analisado, indicando uma posição desfavorável em relação aos principais países exportadores. Apesar de o país possuir uma produção expressiva e uma tradição histórica no cultivo do cacau, a falta de políticas estruturadas e investimentos direcionados impactam negativamente sua competitividade. Enquanto os estados do Pará e Rondônia emergem como os principais exportadores, a Bahia, historicamente reconhecida como o berço da produção cacauera nacional, tem perdido relevância no cenário global.

A Indonésia, que já figurou entre os grandes exportadores de cacau, não aparece nos gráficos deste estudo devido à significativa redução de suas exportações nos últimos anos. O país enfrentou desafios como a disseminação de pragas, mudanças climáticas adversas e a substituição do cultivo do cacau por culturas mais rentáveis. Em 2009, a Indonésia ainda produzia cerca de 850 mil toneladas de cacau, mas essa quantidade caiu drasticamente para aproximadamente 200 mil toneladas em 2020, demonstrando um declínio contínuo que afetou sua posição no mercado global.

Diante desse cenário, torna-se evidente a necessidade de políticas públicas que incentivem não apenas o aumento da produção, mas também a qualificação da cadeia produtiva. Investimentos em infraestrutura, pesquisa e desenvolvimento, bem como incentivos à modernização agrícola, são fundamentais para que o Brasil possa consolidar sua presença no mercado internacional de cacau. Além disso, é essencial que estratégias de marketing sejam desenvolvidas para promover o cacau brasileiro como um produto de qualidade, explorando nichos de mercado, como o cacau fino e sustentável.

Outro ponto crucial é a valorização da produção interna, estimulando o desenvolvimento da indústria moageira e da produção de chocolates de alto valor agregado dentro do próprio país. Isso não apenas geraria empregos e movimentaria a economia local, mas também reduziria a dependência das exportações de matéria-prima bruta, aumentando o valor gerado na cadeia produtiva.

Além disso, é fundamental considerar a sustentabilidade da produção cacauera. Práticas

agrícolas mais eficientes, certificações ambientais e incentivos à produção orgânica podem ser determinantes para fortalecer a posição do Brasil no mercado internacional, especialmente diante da crescente demanda por produtos éticos e sustentáveis.

Para pesquisas futuras, recomenda-se uma análise mais aprofundada sobre os impactos das políticas governamentais no setor cacauero, bem como um estudo detalhado das barreiras comerciais que limitam a expansão do cacau brasileiro. Além disso, seria relevante explorar como a adoção de novas tecnologias pode contribuir para a produtividade e a qualidade do cacau nacional.

Em suma, este estudo destaca a importância de estratégias bem estruturadas para impulsionar a produção e exportação do cacau no Brasil. Somente por meio de políticas eficazes, investimentos em inovação e sustentabilidade, e uma abordagem mais estratégica para o mercado internacional, o país poderá se tornar um competidor mais relevante no comércio global de cacau. O fortalecimento da cadeia produtiva, aliado à valorização do produto nacional, pode representar um caminho promissor para o crescimento do setor e o desenvolvimento econômico das regiões produtoras.

REFERÊNCIAS

- BALASSA, B. **Trade Liberalisation and “Revealed” Comparative Advantage**. The Manchester School, v. 33, n. 2, p. 99–123, 1965.
- BARROS, J.R.M. de; GOLDENSTEIN, L. “Avaliação do Processo de Reestruturação Industrial Brasileiro”. **Revista de Economia Política**, v. 17, n. 2 (66), p. 11-31, 1997.
- COCOALIFE. **Iniciativas no Gana**. Disponível em: <<https://www.cocoalife.org/in-the-cocoa-origins/cocoa-life-in-ghana/>>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- CRUZ, C. L. C. V. Melhoramento do sabor de amêndoas de cacau através de tratamento térmico em forno convencional e de micro-ondas. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia de Alimentos, Campinas, São Paulo, 2002. 101f. Mestrado (Mestre em Tecnologia de Alimentos), 2002.
- FAOSTAT - Food and Agriculture Organization of the United Nations. Data Production and Trade. Disponível em: <http://www.fao.org/faostat/en/#data/>. Acesso em: 31 mar. 2023.
- FAZCOMEX. **Exportações de Cacau: Veja mais sobre**. Disponível em: <https://www.fazcomex.com.br/comex/exportacoes-de-cacau/>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Produção de Cacau no Brasil. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/cacau/br>>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- KRUGMAN, OBSTFELD. Economia Internacional. 6. ed. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2005.
- LIMA, Luís Fernando de Souza; LOURENÇO, Fernanda Mendes; OLIVEIRA, Giovanna Saturnino; VIEIRA, Sofia França; SIMÃO, Fábio Luiz Rigueira. Haitianismo e percepção da Revolução Haitiana na sociedade escravista brasileira do século XIX. **Revista Ponto de Vista**, v. 11, n. 2, p. 1-14, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/372168661_Haitianismo_e_percepcao_da_Revolucao_Haitiana_na_sociedade_escravista_brasileira_do_seculo_XIX>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- MAIA, S. F. Impactos da abertura econômica sobre as exportações agrícolas brasileiras: análise comparativa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA SOCIEDADE BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 40., 2002. Passo Fundo. Anais... Passo Fundo: SOBER, 2002. 1 CD-ROM.
- NUNES, Hyngra Suellen de Jesus et al. Cacau, chocolate e turismo na região transamazônica, Pará: contribuições ao desenvolvimento local. **Turydes: Revista de Investigación en Turismo y desarrollo local**, 2018.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO (OMC). **Estatísticas de Comércio**. Disponível em: https://www.wto.org/english/res_e/statis_e/trade_data_e.htm. Acesso em: 15 fev. 2025.

Portal Governo da Bahia. **Lula lança o PAC do Cacau em Ilhéus**. Disponível em: <<https://www.bahia.ba.gov.br/2008/05/noticias/governo/lula-lanca-o-pac-do-cacau-em-ilheus/?amp>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

RANGEL, Jefferson F. **ceplac/cacau ano 25**. IICA Biblioteca Venezuela, 1982.

SEQUEIRA, A. F. C. Cacau: do fruto ao chocolate. Escola Secundária Rainha Santa Isabel. Estremoz, Portugal. 2016. 27f. Mestrado (Mestre em Biologia). 2016.